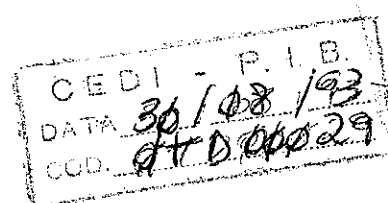




**FUNAI**  
Fundação Nacional do Índio  
MINISTÉRIO DO INTERIOR



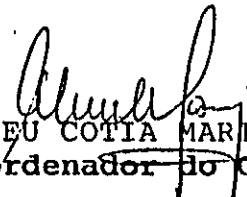
**Encaminhamento s/nº/DID/SUAF/91**

Do: Coordenador do GT-Portaria 032/91  
Ao: Sr. Presidente da FUNAI

Sr. Presidente,

Em cumprimento aos termos da Portaria PP nº 032/91, encaminho a V.Sa. o relatório correspondente, contendo as apreciações procedidas pelo referido GT e sua postura com vistas a solucionar o grave problema das terras dos índios **KAIOVÁ** e **NAN-DEVA**, no Estado do Mato Grosso do Sul.

Atenciosamente,

  
ALCEU COTTA MARIZ  
Coordenador do GT

DID/SUAF/ACM/Las

SEP Quadra 702 Sul  
Edifício Lex, 3º andar  
CEP 70.330 Brasília D.F.

## APRESENTAÇÃO

Os guarani do MS somam hoje 22.000, conforme dados da Funai, os quais são pertencentes aos sub-grupos guarani-kaiowá (autodenominado Pai tavyterã) e os guarani-nandeva. Espalhados pelo território Sul Matogrossense, no chamado cone Sul, viram suas terras sendo paulatinamente tomadas pela frente de expansão colonizadora, nas últimas décadas.

A caracterização da história dos guarani no MS passa por variáveis que se definem pela maneira em que a ocupação de seu território deu-se em função de um desconhecimento de suas formas de organização, de ocupação de seu território e sua exploração econômica e cultural, cujos valores definem sua organização espacial (vide relatório Funai de Almeida, Rubem F. Thomaz).

Durante décadas o indigenismo oficial omitiu-se de proteger as terras guarani e não faltaram ações nefastas que contribuíram para o acúmulo de problemas que hoje geram inúmeros conflitos entre proprietários, índios e o órgão estatal. No processo de ocupação de seu território pelos brancos os guarani-kaiowá foram perdendo as possibilidades de ocupação, dentro do esquema tradicional. As pressões no sentido de se "aldearem" nas reservas demarcadas pelo antigo SPI, além de ter provocado o inchaço populacional naquelas áreas, inúmeras outras foram sendo, paulatinamente descaracterizadas e/ou destruídas. A política indigenista adotada então consistia em concentrar em uma única reserva todas as nucleações de guarani existentes na região circunvizinha, liberando assim terras para a exploração agropecuária. As reservas de Dourados, Caarapó, Amambai, Takuapiry, Ramada, Jacare'y e Piraju'y serviram como catalizadoras das famílias guarani que habitavam a região daquelas áreas.

As áreas delimitadas que constam no presente relatório foram identificadas e delimitadas na década de 1.980, principalmente nos anos de 85, 86 e 87.

O processo demarcatório dessas áreas teve várias interrupções: a questão das terras se encontrarem "sub judice": a questão das áreas encontrarem-se na faixa de fronteira,

A demora nas "decisões para a demarcação das terras Guarani do MS provocou ações de reintegração de posse impetradas pelos fazendeiros litigantes, os quais obtiveram liminares em seu favor, na maioria dos casos, e os guarani foram despejados de seustekoha, por força de ordens judiciais.

Após a promulgação do texto constitucional de 1988, os processos judiciais foram remetidos à Justiça Federal, com exceção de uma das partes de Jaguapiré. No ano passado houve duas sentenças contra as comunidades de Pirakuá e Jaguapiré.

Em 1.990, depois de visitas de lideranças guarani à Brasília, reivindicando seus direitos ao governo, foi decidido junto ao Presidente da Funai e superintendência (Geral, Fundiária, 2ª SUER) a constituição do presente GT, no intuito de atualizar os processos envolvendo as presentes áreas guarani do MS. Cabe considerar aqui algumas sugestões e propostas, diante do quadro geral verificado junto às comunidades guarani do MS:

a) os suicídios na área de Dourados

Dourados é uma área que serviu de receptora prioritária de inúmeros tekoha, outrora existentes na região formada pelos vales dos Rios Brilhante e Dourados, suas cabeceiras e afluentes. Recebeu famílias guarani de uma vasta região, a exemplo de Rancho Jacaré, Guaimbé, Panambi, Sucuri e tantos outros não conhecidos.

A existência de suicídios em Dourados é constatável há pelo menos mais de uma década e meia, mas somente a partir de meados da década de 1.980 os casos de suicídios consumados e tentativas intensificaram-se de forma progressiva.

As possíveis causas e efeitos tem provocado uma polêmica nacional, cuja divulgação pelos canais de comunicação não tem considerado, de maneira geral, a relação que os guarani mantêm com a sua terra e como eles a concebem e entendem. Subestima-se a capacidade que os guarani tem de reestabelecer o seu esquema, suas relações internas, a manutenção de sua identidade étnica. No entanto, para que isso ocorra é necessário que os mesmos possam dispor do espaço, do lugar - a terra; o tekoha - onde possam realizar, enquanto guarani, o seu modo de ser, de viver (vide nota). Não se trata de qualquer lugar, mas aquele determinado

pelo se tekoha (nota) e sob determinadas condições físicas/ecológicas e religiosas.

O caso de Dourados, o mais grave, está inserido numa relação dos guarani com a terra no contexto amplo do Mato Grosso do Sul, sendo a demarcação de suas terras condição "sine qua non" para uma real solução dos graves problemas que atingem aqueles índios.

A título de solução do problema de Dourados sugerimos que se efetue um estudo aprofundado sobre a região denominada pelos índios de "Lima Campo". Lima Campo, conforme depoimentos do "capitão" Ireneo Isnard (de aproximadamente 95 anos) e de outros que conhecem a região, trata-se de uma vasta área de terras compreendida entre o Rio Dourados até próximo da Vila Puitã. De acordo com eles, o nome é atribuído a um antigo colono branco que lá se instalou, no início deste século.

O próprio Ireneo é nascido no local chamado Rancho Kunhã, local onde nasceu e onde tem seus irmãos e antepassados enterrados. Disse ainda que aquela região, o Lima Campo, tinha muitas aldeias, citando, além daquela onde nasceu, outras: Kuatiruguai, Manga'isyty, San Juan e Kambajety.

Lima Campo é, portanto, uma região onde se localizaram vários tekoha, cujas famílias, com o tempo, foram sendo levadas para a A.I. de Dourados. No entanto, Ireneo acha que ainda há muitas famílias morando em suas terras tradicionais, como ocorre em outras regiões.

A Portaria PP nº 1.245, de 29 mai. 87, previa o estudo daquela região que, no entanto, não foi procedido. Logo, sugerimos que se efetive, com a brevidade possível, o estudo antropológico no sentido de possibilitar o retorno de sua população que hoje constitui considerável parte demográfica da área indígena de Dourados.

b) dada a concepção e a relação que os guarani têm com a sua terra - o seu tekoha - é imperioso que a demarcação de suas terras corresponda às dimensões que reivindicam, nos respectivos locais, conforme estudos comprobatórios da tradicionalidade. Os guarani não aceitam outras terras, como já demonstrado no caso de Rancho Jakaré e Guaimbé, que foram levados para a Bodoquena, 400 km. distante. Depois de algum tempo, puseram-se a caminho de volta a pé, no intuito de retornarem a se tekoha. Trazidos até

Dourados, pela Funai, lograram desta vez retornar ao seu lugar, também a pé.

OBS: O presente GT sugere, a priori, que, com base no Art. 8º do Decreto nº 022 de 04/02/91, que sejam as Áreas em questão interditadas provisoriamente para garantir a sobrevivência física dessas comunidades indígenas.

Nota:

TEKOHA - aldeia/comunidade de guarani

teko - ser, estar, estado de vida, condição,  
costume, lei, hábito. (Montoya)

ha - lugar

"a palavra TEK0, como na língua que registrou Montoya, continua sendo entre os guarani Pai Tavyterã (kaiowá) atuais, portadora de significados múltiplos: modo de ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, condição, costume" (Meliá, G.G., pp 186)."

"Em relação à partícula HA, é em Montoya, ainda, que vamos procurar seu significado: 'verbal que se encontra em nomes e verbos: significa instrumento com o que se faz as coisas: modo, causa, intento, fim, tempo, lugar ...' (Montoya). Assim, HA indica o lugar onde se realiza uma determinada coisa: nhembo'e HA indica o lugar onde se reza (nhembo'e = reza). o termo TEK0HA, desta forma, deve ser entendido como o lugar físico, isto é, a aldeia, onde se realiza o sistema, o modo de ser, a cultura, o "estado de vida" dos Pai tavyterã (kaiowá), isto é a comunidade. nhande (nosso) Rekoã (com "r" relativo) portanto, pode ser entendido como 'o lugar em que vivemos conforme nossos costumes' (Meliá, G. Grumberg) 'englobando ao mesmo tempo a idéia de comunidade e aldeia' (Almeida, Rubem F. Thomaz)."